

DESP
15/10/95 Pg 2
DSSRODOL

EDUARDO GALEANO

Natureza morta

Há cinco séculos, quando a América foi capturada pelo mercado mundial, a civilização invasora confundiu a ecologia com a idolatria. A comunhão com a natureza era pecado e merecia castigo. Os verdugos que açoitaram, enforcaram ou queimaram vivos os índios que adoravam a natureza caluniaram Deus atribuindo a si a ordem.



As águas contaminadas matam 25 mil pessoas por dia — pobres, naturalmente

O pecado de ser ecologista — Segundo as crônicas da conquista, os índios nômades que usavam cortiça para se vestir jamais tiravam a casca do tronco inteiro, e assim conservavam a árvore viva. Os índios sedentários cultivavam diversas plantas, deixando períodos de descanso para a terra, conservando-a viva dessa forma. A civilização que veio impor monoculturas de exportação devastadoras não foi capaz de entender as culturas integradas à natureza, e as confundiu com vocação demoníaca ou ignorância.

E ainda hoje é assim. Os índios de Yucatán e os que se sublevaram com Emiliano Zapata perderam suas guerras por cuidarem da sementeira e colheita do milho, que para eles era sagrado.

Chamados pela terra, os soldados se desmobilizavam nos momentos decisivos do combate. Para a cultura dominante, que era — e é — uma cultura militar, essa atitude dos índios era uma prova de sua covardia ou de sua estupidez.

Do ponto de vista da civilização que se diz ocidental e cristã, a natureza sempre foi uma besta feroz, que devia ser domada e castigada, para que funcionasse como uma máquina, posta a nosso serviço por Deus desde sempre e para sempre. A natureza, que era eterna, devia ser nossa escrava.

Só muito recentemente descobrimos que a natureza se cansa como nós, seus filhos, e compreendemos que, como nós, ela pode morrer assassinada. Já não se fala mais em dominar a natureza. Agora até seus verdugos dizem que é preciso protegê-la.

Mas, tanto num caso como no outro — a natureza dominada ou a natureza protegida —, ela está fora de nós. A civilização

que confunde os relógios com o tempo, crescimento com desenvolvimento e grandote com grandeza, também confunde a natureza com a paisagem, enquanto o mundo, labirinto sem centro, se dedica a romper seu próprio céu.

O pecado de ser pobre — Acostumados como estamos a divorciar a natureza de nós mesmos, em geral também tendemos a divorciar a

ecologia da luta social. O que acontece com a natureza, e contra ela, é outra coisa: pertence a uma dimensão que pouco ou nada tem que ver com as desventuras humanas que derivam da or-

ganização injusta do mundo.

Entretanto, o mesmo sistema que trata o mundo como se fosse uma pista de corridas, com poucos vencedores e muitos perdedores, é o que maltrata a natureza como se ela nada mais fosse que um obstáculo.

Segundo os últimos dados das Nações Unidas, as águas contaminadas matam 25 mil pessoas por dia. E, naturalmente, todas as vítimas são pobres — pertencem ao que os técnicos chamam de "camadas da população com níveis de renda baixos ou muito baixos". Eram pobres, por exemplo, todos os que morreram vítimas da cólera na América Latina, quando as descargas industriais e os venenos químicos mataram pessoas como moscas.

Será culpa de Deus? Será que Deus acredita, como os sacerdotes do mercado, que a pobreza é o castigo que a ineficiência me-

rece? Toda essa gente, que cometeu o delito de ser pobre, foi sacrificada pela cólera ou por um sistema que faz apodrecer tudo o que toca e, em plena euforia do mercado livre, desmantela os controles estatais e desampara a saúde pública?

Chico Mendes, que trabalhava nos seringais, foi assassinado em fins de 1988, na Amazônia brasileira, por acreditar sinceramente que não se pode separar a defesa da natureza da defesa das pessoas, e que a floresta amazônica não será salva enquanto não for feita a reforma agrária no Brasil.

Sem reforma agrária, os camponeses expulsos pelo latifúndio continuarão a ser as pontas-de-lança da expansão do próprio latifúndio selva adentro — um exército de colonos mortos de fome que arrasam bosques e exterminam índios por conta do punhado de empresários que açambarcaram a terra conquistada e por conquistar.

Cinco anos após o assassinato de Chico Mendes, os bispos brasileiros formularam a denúncia de que mais de cem trabalhadores rurais morrem assassinados, a cada ano, na luta pela terra. Segundo seus cálculos, 4 milhões de trabalhadores rurais sem trabalho saíram das plantações no interior e foram para as cidades, enquanto os bispos redigiam sua declaração.

Adaptando-se as cifras a cada país, essa afirmação dos bispos retrata toda a América Latina. As grandes cidades latino-americanas, inchadas até arrebentar pela incessante invasão dos exilados do campo, são uma catástrofe ecológica que não se pode entender, muito menos modificar, dentro dos limites de uma ecologia surda ao clamor social e cega em relação ao compromisso político.

Nossos formigueiros urbanos continuarão a ser infernos da ecologia, apesar da execução dos projetos surrealistas que deliram diante das consequências, em vista de sua impotência diante das causas. Em Santiago do Chile foi apresentada a proposta de fazer uma colina explodir com dinamite, para que os ventos possam limpar o ar. Na Cidade do México foram projetados ventiladores do tamanho de arranha-céus.



■ Eduardo Galeano, escritor e jornalista uruguaio, é autor de *As Veias Abertas da América Latina* e *Memórias de Fogo*